

POVO ALGARVIO

SEMÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
MANUEL VIRGÍNIO PIRES

Redacção e Administração
Rua Dr. Parreira, 11 — TAVIRA

DIRECTOR

ISIDORO MANUEL PIRES

ASSINATURAS

Série de 10 números—No concelho de Tavira... 3500
... 10 —Para outras localidades... 3900

Composição e Impressão

Tipografia Socorro—Vila Real de Santo António

Portugal

PROTESTA

contra a farsa trágica

de Budapeste

ITO SÉCULOS de fé cristã, viva e arreigada no coração dos portugueses, dão a Portugal o mais lídimo e verdadeiro direito de se proclamar país cristão por excelência. Não é vã figura de retórica, a fidelidade dos portugueses à doutrina de Cristo, que espalharam e pregaram pela Africa, Asia América e Oceania, quantas vezes afirmando-a com o sangue generoso dos mártires e sempre com os olhos postos na sua altíssima missão de povo evangelizador!

Foi esta consciência profundamente cristã do Povo português, dolorosa e indignamente surpreendida pelo desfecho da farsa trágica ocorrida em Budapeste, no Tribunal do Povo, que, às ordens de Moscovo, condenou a prisão perpétua o Cardeal Mindszenty, Primaz da Hungria. A injúria gravíssima infligida à Igreja—e aos mais sagrados direitos da pessoa humana—suscitou uma vaga de indignados protestos, que vieram confirmar, mais uma vez, quanto o Povo de Portugal reage aos métodos de Moscovo, o seu inflexível repúdio pelo comunismo, inimigo número um de tudo quanto representa a dignidade da vida nacional.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

Cinzas...

Por A. MELO HORTA

Clareava o dia. Uma nova quarta-feira despontava. A quarta-feira de cinzas de 1949.

Afinal, era um amanhecer como outra qualquer. O sol assomava-se como nos outros dias, acariciador, os pássaros pipilavam e pulavam, indiferentes daqui para ali, a relva dos quintais e do jardim conservava o mesmo aspecto fresco e saudável; e as ruas, os largos, a praça, mostravam-nos a mesma aparência, a mesma «qualquer coisa», que é para nós quase uma fisionomia. Somente os vestígios do «vendaval», terminado na véspera, os restos das brincadeiras próprias do Rei finado, denunciavam uma nota diferente, bem leve ainda assim, que a nossa cidade não é já fértil em brincadeiras carnavalescas ao ar livre. Mas, se alguma diferença maior se notava, não estava decerto na Natureza. A única di-

(CONCLUI NA 2.ª PÁGINA)



Interior da Igreja da Misericórdia

A IGREJA DA MISERICÓRDIA Necessita de Urgente Reparação

Surge-nos mais uma época quaresmal. E, imediatamente, nos vem à lembrança o precioso templo da Misericórdia, que jaz abandonado às inclemências do tempo.

Diversas vezes, temos feito o nosso justo apelo para que a reparação da igreja seja feita com urgência, e o nosso eco não se tem feito ouvir.

Os anos vão passando; e, por este caminho, a reparação, que a princípio seria apenas necessária nos telhados, hoje, já se estende a todo o corpo do edifício; e, daqui a poucos anos, dele só restará um montão de ruínas.

Não nos parece justo que, na época de restauro que estamos atravessando, um monumento nacional desabe em ruínas, perdendo assim o património nacional uma das belas obras de talha que existem no Algarve.

Urge que se tomem as necessárias e urgentes providências para que tal não suceda, porque não está certo, e nada justifica, que se deixe desmoronar um monumento daquela natureza.

De vez em quando, e isto já lá vão mais de 12 anos, que se ouve dizer que fora prometida a verba para a sua reparação, e os tavirenses vão vendo passar a época da Semana Santa, sem as tradicionais festividades religiosas que no velho templo tinham um esplendor inconfundível. Continua, pois, encerrado.

Mais uma vez aqui deixamos lavrado o nosso apelo para que a igreja da Misericórdia, que tão honrosamente foi considerada monumento nacional, seja no corrente ano restaurada, para que nela se possa praticar o culto e até mesmo para que possa ser visitada pelos forasteiros que, de há algum tempo para cá, nem a podem ver, porque o seu desabamento é eminente.

Esperamos que não seja necessário voltarmos ao assunto, porque ele deve merecer o devido reparo de quem de direito.

Efemérides Portuguesas

FEVEREIRO

27—A 27 de Fevereiro de 1500, nasceu em Lisboa o grande português D. João de Castro, que desempenhou, brilhantemente, as funções de vice-rei da Índia e se notabilizou como cientista e navegador, considerado por Hellmann, como «o maior representante das indagações

científicas no mar, durante os últimos tempos dos Descobrimentos», e de quem Nordenskiöld afirmou que «ninguém o excedeu como navegador, hidrografo e observador até a época dos Barentz, Linschoten, Hudson e Davis». A sua acção política e militar nas altas e difíceis fun-

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

O Cataclismo Universal

Por DAMIÃO DE VASCONGELLOS

Segundo o que nos diz a revista parisiense «Inter», a astrologia, ciência que estuda a influência dos astros sobre a vida humana, goza actualmente de grande corrente favorável.

Um dos actuais e célebres seus adeptos, publicou ultimamente um estudo muito interessante sobre «o destino das civilizações, determinado durante milénios pelo estudo das leis cíclicas».

A cosmologia ensina-nos que as constelações fazem o giro do Zodíaco em 25.765 anos cósmicos, correspondentes ao período do tempo de mutação de uma estrela fixa. São precisos 2.156 anos para que uma estrela, dita fixa, passe por um novo signo do Zodíaco e este período equivale à evolução total de uma civilização.

Como cada ano cósmico se subdivide em quatro estações cósmicas, cada ano tem, pois, uma duração de 539 anos.

Segundo os adeptos da astrologia, este numero 539 aparece no decorrer da História como um numero grandemente fatídico.

Ora estamos actualmente na

quarta estação cósmica correspondente à monarquia e à democracia, e esta era acabará por volta de 1965.

Este facto corresponderá, aliás, a algumas previsões pouco animadoras, observadas pela conjunção planetária Jupiter—Uranus—Plutão, especialmente as profecias de Nostradamus. São unânimes em afirmar uma terrível perturbação mundial, que se seguirá à coroação de um Grande Rei em Reims, em 1965, e daí surgirá o cataclismo universal, que porá termo a uma era cíclica. É claro que se refere a uma mudança política universal.

São, pois, chegados os tempos em que as forças do Mal serão compelidas a abandonar as suas derradeiras posições de domínio nos ambientes terrestres, e os seus últimos triunfos são bem o penhor de uma reacção temerária e infeliz, apressando a realização dos vaticínios sombrios que pesam sobre o seu império precível.

Ditadores, exércitos, hegemónias económicas, massas versáteis e inconscientes, guerras inglórias, organizações seculares, passarão com a vertigem de um pesadelo.

A vitória da força é uma claridade de fogos de artifício.

Uma tempestade de amarguras varrerá toda a Terra. E os seus habitantes devem chorar, contemplando essas chuvas de lágrimas e de sangue que rebentarão das nuvens pesadas das suas consciências enegrecidas.

Condenada pelas sentenças irrevogáveis de seus erros sociais e políticos, a superioridade europeia desaparecerá para sempre, como o Império Romano, entregando à América o fruto das suas experiências, com vistas à civilização do porvir.

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)

ACABEMOS

com as

CRÈCHES!...

Como toda a gente sabe, a palavra francesa *crèche* tem o significado de *mangedoura*. Vê-se, portanto, que aquela palavra estrangeira, — usada para designar um objecto que normalmente se encontra nos currais, nos estábulos e nas cocheiras, — não é conveniente para denominar uma simpática instituição de assistência social. Nada aconselha o uso do excecando estrangeirismo que, rebatendo a nossa primeira infância ao nível da irracional animalidade, nos torna dignos de mofa aos olhos dos ilustrados franceses. Mas a verdade é que, por mais luminosas que tenham sido as razões apresentadas pelos beneméritos filólogos, amigos da boa linguagem por que amigos da sua Pátria, não tem sido possível expulsar para além das fronteiras idiomáticas o ridículo vocábulo estrangeiro!

Há quem afirme, levemente, que a palavra *crèche* se encontra

(CONCLUI NA 3.ª PÁGINA)



Capitão Manuel Ribeiro

Manuel António Ribeiro

Faleceu há dias em Lisboa, conforme noticiámos, o Capitão Chefe de Música Manuel António Ribeiro, a quem os laços do casamento o ligaram a esta cidade. Manuel António Ribeiro foi um inspirado compositor de música ligeira, que as nossas bandas civis e militares executam com bastante agrado.

Autor também de algumas partituras teatrais, de opereta e revista, numa dada altura resolveu abalançar-se a escrever ópera, e conseguiu deixar a sua «Alcipe», que tanto o orgulhava, muito embora não tivesse atingido aquela popularidade que sonhara.

Escreveu também diversos números orfeónicos, que a mocidade das escolas canta com prazer.

O Maestro Manuel Ribeiro foi, pelo seu talento, um artista apreciado como cultivador da música popular em Portugal.

Como todos os artistas, a alma acompanhava-o, nos seus devaneios espirituais; e, assim, a sua vida foi bastante acidentada.

Só tardiamente, viera a reconhecer os erros cometidos; e, nos últimos dias da sua vida, havia feito uma promessa, que era a de vir morrer

a Tavira; e, se a saúde lho permitisse, viria não só reger gratuitamente a Banda da nossa terra, como igualmente procuraria elevar o nível musical da cidade à altura a que tinha direito pelo seu passado artístico.

O «Povo Algarvio», interpretando as nobres intenções, do maestro Manuel Ribeiro, quando a doença o prendia ao catre, muito embora o seu espírito não presentisse o desenlace, e, portanto, na plenitude das suas faculdades; e, ainda, interpretando o reconhecimento do povo desta cidade pela sua atitude, aqui lhe exprime esta singela homenagem.

Informações

O sr. Etelvino Coelho Quintano foi nomeado ajudante do Conservador do Rigisto Predial de Loulé.

Relação dos subsídios que serão concedidos no corrente ano a vários estabelecimentos de assistência da nossa provincia:

Santa Casa da Misericórdia de Albufeira, 29.000\$00; Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Aljezur, 15.000\$00; Misericórdia de S. Braz—Alportel, 12.000\$00; Irmandade da Santa Casa da Misericórdia—Castro Marim, 18.000\$00; Irmandade de N.ª S.ª da Misericórdia de Faro, 100.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Lagos, 27.000\$00; Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Lagos, 33.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Nossa Senhora dos Pobres de Loulé, 102.000\$00; Irmandade da Misericórdia de Monchique, 32.000\$00; Santa Casa da Misericórdia de Portimão, 44.000\$00; Misericórdia de Silves, 72.000\$00; Misericórdia de Tavira, 58.000\$00; Santa Casa da Misericórdia e Hospital de Vila do Bispo, 12.000\$00; Misericórdia de Vila Real de Santo António, 25.000\$00; Creche Jardim de N.ª S.ª de Fátima—Faro, 40.000\$00; Casa da Primeira Infância de Loulé, 6.000\$00; Lar da Criança de Portimão, 6.000\$00; Asilo dos Orfãos de Santa Isabel—Faro, 10.000\$00; Instituto de Assistência Social Dr. Francisco Gomes—Faro, 10.000\$00; Florinhas do Sul, de Faro, 6.000\$00; Refugio Aboim Ascensão—Faro, 8.000\$00; Instituto de Assistência Social de N.ª S.ª de Fátima—Olhão, 50.000\$00; Comissão Municipal de Assistência de Loulé—para a Cantina, 18.000\$00. Total, 733.000\$00.

Foram concedidos reforços de comparticipação para a construção dos bairos de pescadores de Portimão e de Tavira (Santa Luzia), nas importâncias de 300.000\$00 e de 113.970\$00, respectivamente.

A Câmara Municipal de Loulé foi concedido como reforço de comparticipação, para trabalhos de abastecimento de águas à povoação e praia de Quarteira, a importância de 7.993\$50.

Canção

por A. GARIBÁLDI

Recebi a tua carta,
e, ao lê-la,
sobre a minh'alma pairou
um sonho novo e uma estrela.

Sonho e estrela
que em piedade encataram
a alma que se encantou.

E em meia-dúzia de linhas
de palavras mal-escritas
me disseste o teu amor.

—Horas breves e infinitas!...—
E' com palavras erradas
que o amor se diz melhor.

Braga, 49. (Inédito)

Júlio Sancho

Médico-Radiologista
Raios X - Electroterapia

Rua de Santo António, 32 - 1.º

TELEFONE: Consultório e Residência 368

F A R O

O MARQUÊS DE POMBAL e os seus Biógrafos

Bela obra de Alfredo Duarte Rodrigues, razão de ser duma revisão á sua história tão deturpada por vezes e que o autor sabe com consciencia assinalar os factos.

O excelente livro encontra-se á venda em todos os depositários do «Diário de Notícias».

PELA CIDADE

Procissão de Cinzas—Conforme noticiamos sairá hoje, pelas 16,30 horas, a pomposa e tradicional Procissão de Cinzas, que percorrerá o itinerário do costume.

O cortejo religioso que partirá da igreja da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco será acompanhado em todo o seu percurso pela excelente Banda de Tavira.

Farmácia de Serviço—Encontra-se de serviço urgente durante a corrente semana a Farmácia Franco.

Posto de Polícia—Desde o dia 2 do corrente que se instalou nesta cidade, no Alto de Sant'Ana, um Posto de Polícia de Segurança Pública.

Do referido Posto fazem parte seis guardas, sob o comando de um subchefe, que farão de futuro o policiamento da cidade.

Banda de Tavira—Continua aberta, na casa do ensaio da Banda de Tavira, a inscrição para aprendizes de música.

O ensaio é feito gratuitamente e dele poderão aproveitar todos os rapazes da nossa terra.

Compete aos pais, que sejam amigos da sua terra, encaminharem os filhos para aprenderem uma arte que, além de lhes poder ser proveitosa no futuro, simultaneamente, prestam um bom serviço a Tavira, pois só assim poderemos ter uma banda de música completa, contando com as receitas limitadas que se dispõem para tal fim.

CINZAS...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ferença teria de encontrar-se adentro, introduzida no íntimo de cada indivíduo. Quem irá negar com êxito que os estados de espirito transtornam e influenciam muito das sensações vindas directamente do exterior?

De facto, não é impunemente que se passam horas e horas agitadas, dormindo pouco, em constante brincadeira e revolução, pelo menos nos últimos três dias, indo, agora, a uma «matinée»; depois, a uma «soirée»; em seguida, a uma batalha de flores.

Dir-se-ia que a um período de agitação de corpo e de espirito sucede um período de acalmia, de repouso, de reflexão concentrada do mesmo corpo e do mesmo espirito. E com tudo isso vem, realmente, um certo mal-estar longínquo, um certo acabrunhamento que nos torna diferentes, apáticos, como se tivéssemos passado, de súbito, dum mundo para outro.

Em suma, o homem passeou a máscara, fez-se folião, berrou, pulou, gozou conforme quis e como entendeu. Mas, agora, todas essas coisas já se foram diluídas no tempo e só voltarão, felizmente, se Deus quiser, para o ano que vem.

E para marcar o novo período «normal», que começou naquela mesma manhã de quarta-feira, não podemos deixar de lembrar a todos, uma velha frase eternamente cheia de divina sabedoria:

«Memento, homo, quia pulvis es et in pulverem reverteris».

Lembra-te, homem, que és pó e em pó te has-de tornar...

A. Melo Horta

Agradecimento

A família de Paulino dos Santos vem por este meio agradecer a todas as pessoas que se dignaram acompanhá-lo á sua derradeira morada e bem assim aos que, por qualquer forma, lhe manifestaram o seu pesar.

Este número foi visado pela Delegação de Censura.

Cinco Meses no Navio - Escola "SAGRES"

Dia um de Outubro de mil novecentos e quarenta e quatro. Sol brilhante, Sol de Portugal.

Junto à ponte de embarque da Escola de Mecânicos da Armada, em Vila Franca de Xira, balança lenta e embaladora uma vedeta do Arsenal da Marinha.

Em terra, fazem-se preparativos apressados para o embarque. Formam os alunos marinheiros, procede-se a uma inspecção e chamada rigorosa. Acabada a formatura, cada qual pega na sua bagagem e embarca, tomando o seu respectivo lugar a bordo.

Mais um Curso parte para a viagem de instrução.

Três silvos—e o eco soa pelas campinas verdejantes na margem sul do Tejo, campinas do Ribatejo.—Nós te deixamos por cinco longos meses! Todos pensam o mesmo.

—Larga a boçal é a última ordem.

O telégrafo das máquinas retine, o hélice gira, sai espuma por debaixo do painel da popa, e a vedeta de linhas esguias navega já, afasta-se da margem para descer o rio.

A Escola fica para trás, temos a progressiva vila de Alhandra pela amura de estibordo.

O seu casario de tons diversos são lembranças de divertimentos que passaram, saudades que ficam, promessas que partem.

Aqui, Alverca; depois, Póvoa; e continua o rosário de vilas e aldeias que ladeiam o Tejo até Lisboa.

Um fundo de montes, na margem direita; na esquerda, o contraste, só campina, onde enormes manadas pastam pacíficas, onde não se nota a braveza dos toiros do redondel.

Vamos entrar em Lisboa. Cabo Ruivo, Xabregas, Jardim do Tabaco, navios, traineiras, botes, rebocadores, tudo apita, tudo faz ruído, o ruído característico do Tejo, daquele magnífico estuário, do terceiro porto do Mundo.

Passamos frente ao Terreiro do Paço. Centenas de gaiotas descrevem círculos acrobáticos, invejados por aviadores experimentados. Depois o velho Arsenal, Alcântara, e entramos na doca, encostando à Barca «Sagres».

E' um navio bonito, branco e magestoso.

«Sagres», nome que evoca a nossa epopeia marítima, um passado de glória, enfim, um Nome.

Mais uma vez predomina o barulho, muitos falando ao mesmo tempo. Um grita pelo camarada, outro procura a maca, o terceiro não consegue encontrar o saco mochila. Fazem assim uma gritaria infernal.

Quem procurasse adivinhar o que se passava dentro de cada um daqueles seres, daqueles marujos caloiros, que saíram do seio da família para se fazerem homens, encontraria o simbolo da alegria, da mocidade radiante, enquanto nas suas casas, nas suas terras, umas, nas serranias, outras, à beira-mar, mães, pais, irmãs ou namoradas, choram pela sua ausência, pela sua partida.

No meio daquela gritaria, um homem impõe silêncio. A formatura segue-se, distribuem-se armários, mesas e alojamentos para cada uma daquelas almas inquietas pela sensação na próxima viagem, pela primeira viagem.

A noite cai e o silêncio faz-se sentir. Tudo repousa, só o Tejo canta, só as luzes da cidade brilham.

O começo da vida a bordo dum navio.

Domingo que canta de alegria, domingo que se veste de gala, cheio de luz, um hino á vida.

Alvorada limpa. Vodos se preparam para assistir á missa no Mosteiro dos Jerónimos.

O rebocador atraca á «Sagres», passa-lhe um cabo de reboque, arrasta-a para fora da doca e desce até Belém.

E' uma guarnição que desembarca e forma parada na grande Praça Afonso de Albuquerque. As vozes de comando dançam de

boca em boca e a enorme coluna assiste com devoção á missa e á bênção. As famílias assistem também e fazem preces por uma boa viagem.

Os rapazes tomam os seus lugares na formatura junto do Mosteiro e regressam ao navio.

Pelas 11 horas, o Senhor Ministro da Marinha encontra-se junto dos que partem; e, em palavras simples, mas sinceras, despede-se de todos, com os votos de boa viagem que ficam no coração de todos gravados profundamente.

Cinco dias de espera anciosa; e, a espaços curtos, se pergunta: —Quando partimos?

E' chegado o dia. Com ele chega a hora, e o navio levanta ferro naquela tarde de seis de Outubro.

São dezasseis horas. O guincho da amarra iça o ferro que estava unhado no fundo e parte. Balança-se em movimentos lentos e desce o rio.

Às dezoito horas, passamos o farol do Bugio. O enjão atormenta os mais fracos, mas isso passa depressa, pois também hão-de passar os cinco meses de viagem que se seguem.

E' domingo. Vamos a caminho da Ilha de Porto Santo. Passa por nós o paquete «Lima», que nos cumprimenta com os três silvos da praxe. Todos os passageiros acenam com comoção: são chapéus e lenços no ar, mas o paquete afasta-se para se perder no horizonte.

Temos quatro dias de viagem e chegamos á ilha que, por si só, pouco tem de apreciável: algumas palmeiras, uns chalets, uma magnífica praia, mas o resto é deserto.

Depois do toque á faina, as manobras começam, e o navio, depois de poucas horas de permanência na pequena baía, rumo para a Madeira.

Trinta e nove milhas vamos percorrer. O mar está calmo e a brisa fresca.

«Pearl of the Atlantic» como lhe chamam os ingleses; Madeira, ilha de verdes variados, de casario branco com telhados vermelhos.

Contornamos a costa, que é despida de praias. Aqui, muitas palmeiras, plantações de açúcar, mais casas, mais verdura. A vava, em impulsos gigantescos, rebenta contra a costa de rocha, escarpada. O navio, branco como as gaiotas que o sobrevoam, desliza lentamente. Vê-se agora o farol; mais adiante, recortes de rocha em rendilhados caprichosos.

—Que maravilhosas inspiração para um poema, diriam os poetas!

A paisagem repete-se até que, ao dobrar de um cabo, se descobre, no alto das rochas, a imagem de Cristo Redentor, de braços abertos, bênção dos navegantes.

Assim, a paisagem muda, ante a «Sagres». Abençoada por aquela imagem que infunde respeito e que os marinheiros adoram, descobre-se a grande cidade Funchal.

Funchal, sonhadora e hospitaleira, que abraça todos os viajantes como se fossem seus filhos, parece um monumental presépio. Ruas limpas e ornadas de grandes edificios, amplas avenidas, vastos e luxuosos cafés, onde os marinheiros e turistas, depois de longas e enfadonhas viagens, vão divertir-se e misturar-se numa linguagem cosmopolita.

Essa cidade onde se ama, como se o amor fosse matéria banal, onde as raparigas estremecem perante a farda de um marinheiro, talvez por representar aquele que pela primeira vez pisou a encantadora ilha, Gonçalves Zarco, ficarão muito em breve desiluídas, por três apitos longos, que são a saudação ao porto. Partem com ele, deixando o belo ancoradouro, propostas de casamento, sonhos desfeitos, promessas que se esquecem como a espuma que deixa na sua esteira.

Estamos no mar largo, depois de uma demora de setenta e duas

Notícias Pessoais

Partidas e Chegadas

Veio passar o Carnaval nesta cidade, com sua esposa, o sr. Dr. Arnaldo dos Santos Lança, meritíssimo Juiz de Direito, em Ourique.

—Com sua esposa, vimos nesta cidade o nosso conterrâneo sr. José Augusto Baptista Pires, Chefe da secretaria da Câmara Municipal de Olhão.

—Vimos nesta cidade o nosso ilustre conterrâneo sr. Brigadeiro Eduardo José dos Santos.

—Com sua esposa, sr.ª D. Maria da Estrela Sousa Lopes, sua filha e sua protegida menina Ingrid Mayer, austriaca, a cargo das «Caritas Portuguesas», veio passar o Carnaval nesta cidade, o sr. Jacinto Lopes, proprietário, residente em Elvas.

—Veio passar o Carnaval nesta cidade, com sua esposa, o sr. Filipe Manuel dos Santos Peres, empregado da F. N. P. T., em Lisboa.

—Em digressão pelo Algarve, tivemos o praser de ver em Tavira o sr. Dr. Fernando Xavier Ferreira Coelho e sua esposa, sr.ª D. Maria Julieta Lopes Martins Ferreira Coelho; seus sogros sr. Abel Martins, importante industrial e proprietário da Capital, e sua esposa sr.ª D. Virginia Abel Martins, seu irmão sr. Emanuel Ferreira Coelho, tenente de Cavalaria, e seu cunhado sr. Luís Martins, engenheiro Civil, família do sr. Capitão Manuel Benjamin Rodrigues Coelho, nosso prezado colaborador e conterrâneo.

Doentes

A fim de consultar a ciência médica, seguiu para Lisboa o sr. Sebastião Leiria, funcionário da Secretaria Judicial desta comarca.

Neurologia

No dia 28 de Fevereiro de 1949 faleceu nesta cidade a sr.ª D. Vicência Correia Rico, de 80 anos de idade, natural desta cidade, casada com o sr. Joaquim do Livramento Pires Rico, alfaiate. A falecida era mãe da senhora D. Maria Adelaide Pires Rico Viegas e sogra do sr. José Viegas, empregado da Companhia de Pescarias Balsense.

As famílias enlutadas, a expressão do nosso pesar.

Pela Província

Vila Nova de Cacela

Carnaval—No sábado, à noite, realizou-se um chá dançante que foi muito concorrido.

Algumas meninas apresentaram-se com interessantes disfarces.

Houve votação para a eleição da rainha, damas de companhia e rei da festa.

O grupo musical de Cacela, «Os Boémios», abrilhantou a festa, dançando-se até de manhã.

Na terça feira realizou-se na esplanada do Casino da Manta Rôta um casamento carnavalesco.

O cortejo nupcial saiu do largo da estação do caminho de ferro, e nele tomaram 19 carros ornamentados.

O Copo de A água foi fornecido pela casa Mateus Pereira.

Em seguida, começou um baile que durou até ao sol-posto.

Da grande orquestra do baile fizeram parte os afamados solistas, Jacinto Pereira Guerreiro e José da Silva Trindade (Trindadinho).—E.

horas numa cidade de sonho.

A bordo, nos dias que se seguiram, os dias passavam serenos.

À noite, ao toque da fachina de macas, marinheiros e alunos vão repousar e esquecer as canseiras, as fainas e trabalhos diários.

Homens, deitados nas macas, estendidos na coberta de um grande navio, confiam descansadamente no dia de amanhã.

Nesta calmaria, uma tarde, corre de longe, aproximando-se com velocidade espantosa, um negrume no céu. O mar liso frija-se miudinho, o vento sopra rijo, e o navio rodeado por um tornado inclina a bombordo, toma velocidade que atinge uma média de doze milhas por hora. O pano não resiste e começa a rasgar-se. Soam apitos no convés, marinheiros e grumetes sobem aos mastros para o ferrar, pois está feito em tiras e chicoteia a cara dos homens que o eolhem. Por fim, como chegou, partiu. Tudo ficou calmo como estava: o mar liso, brilhante o Sol. O navio branco ostenta orgulhoso a Cruz de Cristo, a Cruz das Descobertas.

Doze dias passaram depois da partida do Funchal; doze dias sem grandes incidentes, sem grandes passagens para narrar; e, no fim, a ilha de São Vicente de Cabo Verde.

(Continua) Luis Ribeiro

Instituto António Cabreira

Do ilustre Patrono deste Instituto recebemos a seguinte nota:

O Patrono sofreu a perda de mais dois amigos queridos e ilustres: um, comprade da Academia das Ciências de Lisboa, desde 1918; o outro, antigo condiscipulo, no Liceu e na Politécnica. Eram o Sócio de Honra Dr. Justino de Montalvão, escritor fecundo e brilhante, que muito prestigiou a Pátria no estrangeiro, como Ministro Plenipotenciário; e o Sócio Fundador Dr. Alvaro do Nascimento de Lacerda e Melo, médico, que bastante honrou a classe. Aquele recebeu titulo por ser um consagrante insigne da Obra e dos Serviços que o Instituto perpetua.

O sr. Abel Modesto realizou uma interessante conferência científica para provar que «o alcoólico é um monstro moral e patológico.» Com efeito, a corrosão do cérebro origina o ódio e, portanto, a inveja, e faz-lhe ver, nos outros, o reflexo dos próprios defeitos. Assim, supõe-nos vaidosos, céticos e ignorantes, quando é ele que enferma de tal inferioridade; e considera-se, por auto-inversão, erudito e espiritual.

O orador conheceu, em Evora, um alcoólico que arrotava erudição e originalidade, recortadas do *Almanaque Bertrand* ou então transcritas de livros de História Antiga, existentes na Biblioteca. Depois, denegria quem o obsequiava, e até, à moda do «Sebastião come tudo», «dava pancadas na mulher», a ponto de ela, com a cabeça perdida, se deitar de uma muralha abaixo...

—A próxima conferência visa a demonstrar que, aplicando o actual telescópio ao planeta Marte, se pode ver um monumento com 60 metros de altura.

Acabemos com as Crêches!...

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

já enraizada nos nossos costumes e que seria impossível excluí-la do falar comum. Diz-se também não ser fácil encontrar substituto vernáculo, de uso frequente e correto. Mas essas afirmações não correspondem à verdade: não passam de miseráveis desculpas para a indolência e a indecisão dos que se confessam culpados na propagação de feios estrangeirismos.

E' evidente que, se os dirigentes das instituições de protecção à primeira infância decidirem substituir a designação de *crèche* pela de *infantário*, superiormente aconselhada, e se fizerem, como esperamos, as consequentes alterações nos impressos correntes, em poucas semanas cairá em desuso o impróprio francesismo para dar lugar à expressão portuguesa, de significado mais sugestivo e de mais bela sonoridade.

Infantário, lugar próprio para infância, e não *crèche* ou *mangedoura*, que se encontra nas cocheiras, nos estábulos e nos currais. Mas se a palavra *infantário* a princípio vos assusta, se vos perturba pela estranheza singular da novidade, podereis substituí-la por expressões portuguesas aqui e além já usadas, tais como *alegrete*, *ninho dos pequeninos*, ou *jardim infantil*. Seja como for, o que interessa é nunca mais escrever, imprimir ou desenhar a palavra *crèche*, para que, excluindo-a hoje da linguagem escrita, a expulsemos amanhã da linguagem falada.

Assim procederemos no nosso jornal, que sempre tem procurado defender o perfeito regionalismo, integrado no verdadeiro patriotismo. Quanto a nós, a escolha já está feita: optamos sinceramente pela palavra *infantário*.

Trabalhe para si

Aprenda em sua casa várias e lucrativas indústrias caseiras.
Envie 1\$00 em selos para catalogo elucidativo
ANZA — R. Francisco Pereira de Sousa, 17, 2.º-Esq. - Lisboa

A farsa trágica de Budapeste

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

Toda a Imprensa se referiu em termos de justa indignação e firme repúdio à condenação do Cardeal Primaz da Hungria. E, na igreja de S. Domingos, o Bispo de Helepole celebrou missa em desagravo desta violenta injúria à consciência humana e cristã. O vasto templo lisboeta encontrava-se literalmente repleto e aquele prelado pronunciou uma notável alocução, em que estigmatizou a nefanda perseguição de que foi vítima o Cardeal Mindszenty, dizendo:

«Todavia, para além da tragédia do Cardeal e dos seus colaboradores mais íntimos, há que reconhecer o ataque preconcebido contra a Igreja Católica, não só na sua estrutura social, mas até no seu conteúdo espiritual, que é, fundamentalmente, a fé em Deus. O doutrinador revolucionário previu os factos com nitidez: A luta em que o Mundo se debate põe frente a frente duas forças irreductíveis—cristianismo e comunismo.

Na Hungria, o Cardeal Mindszenty era a expressão mais alta e mais vigorosa da Igreja. Condenando-o, foi afinal a Igreja que se quis ferir com golpe certo, dirigido ao coração.

Ferindo-a, ultrajaram-se os grandes valores do espírito, património comum da Humanidade, para cuja aquisição definitiva ela poderosamente concorreu. *Res sacra homo*, o homem é coisa sagrada, proclama a sabedoria das nações. Mas para os apóstolos dos sangrentos ideais, a despeito das palavras sedutoras, a palavra não passa de ilusório anacronismo.»

Ao mesmo tempo, em Bragá, uma multidão, de cerca de 300.000 pessoas, subia, em piedosa romagem de desagravo, até ao Santuário de Sameiro, constituindo uma impressionante e magestosa manifestação de fé católica. A multidão que acompanhou o andor da Virgem, desde a Sé Catedral até ao Santuário do Samoeiro, estendia-se por mais de 3 quilómetros de extensão. Uma vez chegada à vasta esplanada que rodeia o templo, a multidão oferecia um aspecto grandioso, compacta e numerosíssima.

Após a chegada da peregrinação, deu-se início à missa campal, tendo o celebrante proferido uma alocução na qual exaltou a fidelidade do povo português ao culto mariano, tendo, no final, o Arcebispo de Braga lido um acto de desagravo e, depois, dado a benção a todos os peregrinos.

Por outro lado, as próprias esferas oficiais portuguesas se associaram ao espontâneo movimento de protesto e desagravo perante o crime de lesa-humanidade cometido pelos comunistas na Hungria. Assim, a Assembleia Nacional nomeou uma comissão de deputados, encarregando-a de apresentar ao Núncio de Sua Santidade a expressão do seu protesto e da sua repulsa ante a condenação do Cardeal Primaz da Hungria.

Assim se manifestou o Povo Português, revelando deste modo, bem explícito e claro, a sua viva fé e a sua profunda e completa repulsa pelo comunismo e pelos seus processos anti-cristãos e anti-humanos.

CARLOS PICOITO

ADVOGADO

Avenida da República, 120-122

TELEFONE 128

FARO

Consultas em Tavira, às quintas-feiras, no escritório de sollicitador Carmo Peres

Dos Livros...

A Morte acompanha-nos na viagem

Acaba de sair o n.º 78 da Coleção «Os Melhores Romances Policiais», editada pela Livraria Clássica Editora e tão bem acolhida pelo público leitor deste género de literatura.

Intitula-se o romance «A Morte acompanha-nos na Viagem» e é seu autor Thomas Narcejac. A tradução é muito cuidada e o aspecto gráfico do volume é, como nos anteriores, muito agradável.

A acção decorre a bordo e entre as personagens há uma rapariga de uma beleza estonteante e um reporter amigo de aventuras; a primeira é Gladys Eberhardt, o reporter, Gilles Saint-Avoid, que a força das circunstâncias transformam em detective.

Ler «A Morte acompanha-nos na viagem» é ter algumas horas de prazer espiritual e de emoção crescente desde o início da leitura até perto do seu final.

RÁDIO

Consertos em todos receptores de T. S. F.
Executa técnico de subida competência.
Nesta Redacção se informa.

VENDA A PRESTAÇÕES

- DE -

RELOGIOS E JOIAS

- NA -

Ourivesaria J. V. Mansinho

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Está em distribuição o fascículo n.º 220 da Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira, em que colaboram, os mais ilustres nomes do nosso escol intelectual, como os Professores Torre de Assumpção, Baeta Neves, Mendes Correia, João de Vasconcelos, João Barreira, Manuel Valadares, Perez de Carvalho, Cunha Gonçalves, Azevedo Gomes, António Maria Godinho, Ferreira de Mira, Bernardino de Pinho, Abreu Figanier, os Doutores Travassos Valdez, Dias Amado, Reis Ribeiro, Júlio Gonçalves, Salazar Carreira, Pedro Godinho, Celestino Gomes, Henrique Soares, Afonso Zuquete, Teixeira de Aguiar, António Sérgio, Fernandes Lopes, Falcão Machado, e os publicistas e técnicos, Eng.º Frederico Oom, Guilherme Robim, Perestrelo Botelho, Garcia Domingues, pintor Martins Barata, Maestro Lopes Graça, pintor Armando de Lucena, Cardoso Jor., Eduardo Moreira, Padre Miguel de Oliveira, etc. escreveram para este fascículo grande cópia de colaboração inédita e especial, pelo que o seu sumário é magnífico, incluindo artigos notáveis e notavelmente desenvolvidos como entre centenas de outros, os que se referem a *Oftalmologia, Oival, Olaria; Oleaginosas, Oleo, Olfactivas (vias), Olfacto, Olhão, Olhar, Olho, Oligopólio, Olímpicos, (jogos), Olistipo*, etc.. O fascículo é, como todos, profusamente ilustrado no texto e acompanhado por duas estampas em separado, muito perfeitas gráficamente e de interesse documental incontestável.

A Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira conta actualmente 18 volumes completos. Os seus editores (Editorial Enciclopédia, Ld.ª Rua António Maria Cardoso, 33, Lisboa), no intuito desinteressado de facultar a todas as classes a posse de tão valioso elemento de cultura, mantem um sistema de pagamentos suaves, que importa, além doutras vantagens, a entrega de toda a obra completa, primorosamente encadernada, no acto de se liquidar a primeira prestação. Continuam igualmente em vigor, apesar das dificuldades actuais, as condições de assinatura que tornam esta obra monumental muito acessível a estudiosos.

Efemérides Portuguesas

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

ções de vice-rei da Índia foi em tudo modelar. O heroísmo de que deu eloquentes provas, durante as sangrentas batalhas dos cercos de Diu, assim como a impecável honestidade da sua administração, sempre norteada por um ideal espírito de justiça, colocam, sem contestação a sua figura, num plano a que ascenderam raros varões lusitanos.

28—A 28 de Fevereiro de 1877, o distinto polígrafo e professor João de Andrade Corvo apresentou à Câmara dos Deputados um projecto de lei autorizando o Governo a organizar as expedições a África de Capelo e Ivens e Serpa Pinto. O seu interesse por tudo quanto redundasse em proveito da valorização das nossas colónias ultramarinas manifestou-se, amplamente, durante o período (de 1875 a 1877) que abraçou a pasta de Ministro da Marinha e do Ultramar.

Entre os resultados da sua acção como estadista, podemos citar: a compra do couraçado «Vasco da Gama»; a reorganização do corpo de marinheiros; a criação duma legião do ultramar; os trabalhos para pacificação nas colónias; o contrato com uma linha de vapores para o estabelecimento de comunicações regulares entre a Metrópole, Índia Portuguesa e Moçambique; o contrato para a navegação no Quanza; o esforço para a definitiva abolição da escravatura nas colónias e do tráfico de «coolis» pelo porto de Macau; as missões de Obras Públicas ao ultramar; o tratado com Inglaterra sobre a Índia e o que habilitou o Governo português a construir o caminho de ferro de Mormugão.

O Cataclismo Universal

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

E ver-se-á então na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao seculo 20 compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.

Sim; porque depois da treva surgirá uma nova aurora.

Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no baptismo do sofrimento.

E revendo os quadros da história do Mundo, sentimos um frio cortante neste crepúsculo doloroso da civilização ocidental.

E a América, embora compelida a participar das lutas próximas, pelo determinismo das circunstâncias da sua vida política, está destinada a receber o ceptro da civilização e da cultura, na orientação dos povos do porvir.

Em torno dos seus celeiros económicos, reunir-se-ão as experiências europeias, aproveitando o esforço penoso dos que tombaram na obra da civilização do Ocidente para a edificação do homem espiritual, que há-de sobrepor-se ao homem físico do planeta, no pleno conhecimento dos grandes problemas do ser e do destino. Porque o esforço sincero da cooperação no trabalho e na construção da paz não é aí uma utopia, como na Europa saturada de preconceitos multiculturales.

Nos campos exuberantes do continente americano estão plantadas as sementes de luz da árvore maravilhosa da civilização do futuro.

Damião de Vasconcellos

HOJE
em Vila Real de Sto. António
Lusitano - Sp. Braga

PERDEU-SE

Um broche de topázios, antigo, em Faro ou Monte-Gordo, possivelmente, na praia. Dão-se avissaras a quem o achar. Responder para Abel Martins, Rua de S. Bento, 61-65 — telefone 61213 — Lisboa.

Revistas e Publicações

Revista de Portugal

Com o número 71, referente a Janeiro, inicia-se o volume XIV desta revista que, desde 1942, se publica, com notável regularidade, nos dias 15 de cada mês e que tem como colaboradores os melhores filólogos contemporâneos portugueses e alguns brasileiros.

Além das secções habituais de «Consultas» e «Notas Várias», o número 71 da «Revista de Portugal» inclui um artigo acerca de problemas de morfologia e sintaxe, um estudo sobre «O discurso semi-directo no Romancero popular» e várias reflexões sobre a Língua Portuguesa, tudo isto devido à pena brilhante dos seus mais assíduos colaboradores. Outros artigos diversos, todos de grande interesse, completam o texto deste valioso volume da «Revista de Portugal», valorizado sobretudo com o suplemento «O Hissopo» do grande escritor oitocentista Cruz e Silva, com prefácio e anotações do Dr. José Pereira Tavares.

VENDE-SE

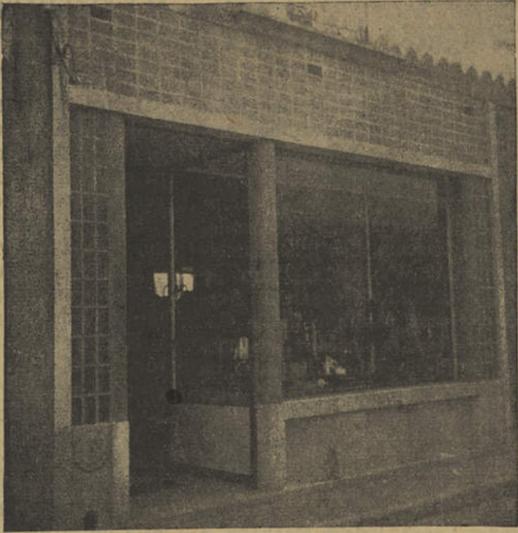
PEQUENA TRAIINEIRA, sem licença, comprimento por cima 14,34 m., motor «BOLINDER» 50H.P. Estado novo.

Informa: Carvalho & Pestana, Ld.ª, Praça 8 de Maio, 30—Figueira da Foz.

RÁDIO

Aparelho de T. S. F. de pilhas e corrente. Vende-se novo. Nesta Redacção se informa.

Os proprietários deste estabelecimento comunicam ao Ex.^{mo} Público que acabam de receber um colossal sortido de gabardines de lã, impremiáveis, sobretudo, cujos preços de



Moderno estabelecimento UNIL

aproveitar, facilitando ainda esta casa o pagamento, a prestações mensais, ou semanais.

Srs. Automobilistas, motociclistas: Visitem o moderno estabelecimento UNIL, onde podem adquirir um bellissimo casaco ou blusa em cabedal com fôrro de lã ou de pele, luvas e passe-montanhas, etc.

Deseja calçar com elegancia? Faça as suas compras na UNIL. Sempre novidades, para cavalheiro, senhora e criança. Já V. Ex.^a reparou que uma gravata, uma camisa, um chapéu, um pullover, ou qualquer outro artigo adquirido na UNIL, dá bom tom e distinção?

Rua Estácio da Veiga, 19

TAVIRA

Garagem de Recolha

Em óptimo local, com bastante clientela e bombas, para venda de gasolina, arrenda-se.

Tratar com José Mendonça Viegas, Rua José Pires Padinha — Tavira.

Senhores Lavradores

Aproximam-se os alqueives para os legumes.

Desejais economizar! Fazei-os mecanicamente.

Trata: Joaquim Pires Cruz — Tavira.

RELÓGIOS

A aquisição de relógio que não seja de marca garantida, o prejuizo é total!

Das seguintes marcas, toma-se inteira responsabilidade, não só na qualidade como no preço, quer tabelado quer não, o que casa alguma pode competir devido aos habituais descontos sobre as condições de compra:

Internacional Watch, Omega, Tissot, Zenith, Cortebert, Amyria, Sergines, Aureos, Cyma, Zoty, Sorel, Zinal, Record, Titus, Longines, Watez, Viérgines, Titan, Douglas, Argus, Dogma.

A venda a prestações não tem aumento de preço, quer em relógios, quer em Joias, Ouro ou Prata.

OURIVESARIA MANSINHO - Tavira

J. A. Pacheco

TAVIRA

Fábricas de moagem de Farinha espoada e ramas

PANIFICAÇÃO MECANICA

Uma maquinaria completa aliada a um escrupuloso fabrico fazem com que os produtos das fábricas

J. A. PACHECO

Tenham a consagração do público que os consome.

TELEFONE 13

APARTADO 13

AS SUAS VIDAS. A SUA CASA. O SEU AUTOMÓVEL ESTÃO SEGUROS NA



COMPANHIA DE SEGUROS

R. GARRETT, 56 LISBOA

IMPÉRIO

A COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO» foi fundada em 1942 pelo grande industrial Alfredo da Silva.

Hoje, a COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO» situa-se na primeira fila das Companhias Seguradoras portuguesas.

Além dos ramos normalmente explorados pelas suas congéneres, a «IMPÉRIO» criou novas modalidades, como o «Seguro de Caçadores» pelo qual se cobrem todos os riscos da caça.

A evolução das receitas (não contando com a de resseguros) da «IMPÉRIO» constitui o facto mais notável do mercado segurador português, em todos os tempos:

1942	Esc.	3.059.158\$70	1946	Esc.	26.917.913\$64
1943	»	20.612.258\$63	1947	Esc.	30.589.967\$36
1944	»	24.611.252\$43	1948	Esc.	40.210.665\$03
1945	»	23.288.657\$02			

A Companhia de Seguros «IMPÉRIO» é representada em TAVIRA pela firma Viuva & Filhos de João Baptista Carvalho.

Refinação de Sal

Vende-se em estado novo, pronta a funcionar com 1 motor Lister de 5 H. P., 2 moinhos André e todos os seus pertences, com marca registada e respectivo alvará (Preço Mó dico).

Quem pretender dirija-se a Viuva de Rocha Junior, Terreiro do Garção, 13 a 19 — Tavira — Algarve.

CHARRETE

Vende-se uma em Santo Estevão. Trata José Luis Cesário.

Motor Moto-Bomba-Petter

De três cavalos, vende-se ou troca-se por um novo de cinco cavalos, de qualquer marca. Em segunda mão, estado novo, pronto a funcionar, a petróleo.

Tratar com José Damião Neto — Tavira.

PALHA

Vende qualquer quantidade. João Maldonado — Cacela.

FIGUEIRAS

Em viveiro, já enraizadas, próprias para plantações, vendem-se.

Tratar na Quinta da Torre, em Cacela.

ENGENHO

De nora, tipo mourisco em estado novo, vende. Raul Macara — Olhão.

Estabelecimento de Fazendas

Trespasa-se, na Luz de Tavira.

Quem pretender dirija-se a Maria José Romeira Pinto, no referido estabelecimento.

COURELA

Própria para horta, com bom terreno, vende-se, no sitio do Fojo — perto da Asseca.

Nesta Redacção se informa.

O Receptor
PARA TODAS AS CLASSES SOCIAIS!



POBRE NO PREÇO
MÉDIO NO FORMATO
RICO NA QUALIDADE

Alta apresentação; caixa de duas faces com elegantes linhas; características técnicas das mais avançadas. Peça uma demonstração ao Agente Oficial Mediator

MODELO 1949



TIPO M 113 U

FIEL COMO UM ESPELHO
RECEPTORES DE BATERIAS — AERODINAMOS



MUSICA em DISCOS

GRAFONOLAS

His Master's Voice, Columbia e Decca

DISCOS: as última novidades

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES

Venda e aluguer de aparelhagens sonoras
Agência: Rua Dr. Parreira, 13 — TAVIRA